

6

Considerações Finais

Não se pode precisar exatamente em que ano teria começado a *Belle Époque* carioca. Mas certamente está aí incluído o período durante o qual foram feitas as grandes mudanças urbanísticas que tornaram o Rio de Janeiro o maior centro cosmopolita da nação. Como maior porto do país e capital da República, a cidade concentrava boa parte das elites urbanas e burguesas que dirigiam o país. Rodrigues Alves já havia anunciado no dia de sua eleição que a remodelação da cidade deveria ser a “mais séria e constante preocupação” dos poderes da República. E certamente o foi durante o seu mandato.

As elites tomaram para si a missão de modernizar o Rio de Janeiro, de forma a construir uma imagem mais moderna para a capital e, por extensão, também para o país. Ao mesmo tempo buscavam construir sua própria identidade, sustentada por valores provenientes de ideários muitas vezes contraditórios. De um lado, o conservadorismo herdado das elites de origem rural que a precederam e da burguesia européia que, apesar de fascinada pela vida moderna, ainda cultuava certas formas de distinção inspiradas na aristocracia do antigo regime. De outro, a revolução de costumes e as alterações de sensibilidade propiciadas pelas novas tecnologias e pelo surgimento das metrópoles.

As intervenções na cidade foram drásticas: tentou-se apagar todos os vestígios do que ainda lhe dava um aspecto colonial. E isso em todos os sentidos possíveis: desde a organização urbana até as formas arquitetônicas de suas edificações, atingindo os usos e costumes da população. Mas isso não foi válido para toda a extensão da cidade: as reformas se concentraram nas áreas mais centrais, aquelas que serviam de palco para a encenação da modernidade.

Renato Cordeiro Gomes (2008, p. 113) entende que

era preciso construir um palco ilusionista para representar os tempos modernos com todos os seus aparatos. O Rio, assim, civilizava-se sob o patrocínio do poder, das elites aburguesadas. O projeto tinha por objetivo criar uma imagem de credibilidade aos olhos do mundo civilizado. Acompanhar o progresso significava colocar-se no mesmo paradigma dos padrões e ritmos da economia européia.

A cidade também crescia envolvida em contradições. Os sucessivos governos municipais a partir da administração de Pereira Passos se mantiveram

preocupados em embelezar o Centro e dar assistência ao crescimento urbano que fazia surgir novos bairros na Zona Sul. Enquanto isso, sem ter a mesma atenção por parte do Estado, o processo de ocupação dos subúrbios se intensificava. A diferença de tratamento é perceptível até mesmo nas leis municipais da época: a documentação exigida para que se pudesse construir nas regiões mais centrais era muito mais extensa e detalhada do que a pedida para outras, mais periféricas.

A população mais pobre, quando não expulsa à força, era induzida a procurar residência fora do Centro. Ali ainda se mantiveram alguns moradores, provavelmente provenientes das classes médias, que se instalavam em cômodos e casas de apartamentos. Essas formas de morar foram precursoras dos edifícios de apartamentos que durante o século XX se tornariam o modelo dominante de habitação na cidade.

O aumento da atividade industrial durante a Primeira Guerra Mundial – grandes indústrias instalaram-se em bairros como Inhaúma e Irajá – , o baixo preço dos terrenos e o desenvolvimento da malha ferroviária foram determinantes para o crescimento das freguesias suburbanas e a criação de novos bairros cada vez mais afastados do centro. Segundo Maurício Abreu (2008, p. 82),

Já na década de 1920 estavam, pois, lançadas as bases para a formação da área Metropolitana do Rio de Janeiro. Sua estrutura urbana também já se cristalizava, assumindo cada vez mais uma forma dicotômica: um núcleo bem servido de infraestrutura, onde a ação pública se fazia presente com grande intensidade e onde residiam as classes mais favorecidas, e uma periferia carente dessa mesma infraestrutura, que servia de local de moradia às populações mais pobres, e onde a ação do Estado era praticamente nula.

Mesmo entre as áreas privilegiadas existiam diferenças que fizeram com que se formasse um caráter, se não contraditório, ao menos ambíguo para a cidade. Todas as ações efetuadas no Centro foram no sentido de dar-lhe uma dinâmica e uma aparência semelhantes às da capital francesa. Ficaram famosas as iniciativas de Pereira Passos de importar pardais e castanheiras para que o ambiente das ruas se parecesse ao máximo com o dos bulevares parisienses.

Para freqüentar as áreas reformadas, especialmente a grande passarela da Avenida Central, as classes burguesas esmeravam-se em compor uma aparência tão afrancesada quanto possível, investindo em trajes e acessórios que podiam ser qualificados como verdadeiramente torturantes pela sua incompatibilidade com o clima tropical. Essa opção, no entanto, fazia sentido já que tais trajes levavam ao máximo a ideologia burguesa que valorizava o autocontrole e a dominação contínua das sensações.

Mesmo já tendo abandonado as formas mais pesadas do período romântico, os casacos masculinos eram indispensáveis na composição da indumentária masculina. Deixar de usá-los em público, além de ofender as regras da elegância e da moral, em certo momento passou também a constituir infração às leis da cidade. A modernidade desses trajes estava em suas linhas cada vez mais simplificadas, na ausência de ornamentação e na praticidade do vestir que a vida da cidade grande exigia.

As mulheres, por sua vez, ainda não haviam sido dispensadas do espartilho, usado por baixo de duas ou três camadas de roupas. As novas tecnologias desenvolveram novas formas e materiais para essas peças íntimas, dando-lhes alguma elasticidade, característica imprescindível para as atividades esportivas que começavam a ser admitidas até mesmo nos círculos mais conservadores. Logo o mercado se adaptou a essa demanda e surgiram espartilhos específicos para serem usados, por exemplo, para a prática do ciclismo ou sob os trajes de banho.

Por outro lado, o mesmo projeto que pretendia dar ares de metrópole européia à capital brasileira abriu caminho para que a cidade se expandisse em direção ao litoral sul. Na rápida ocupação urbana dos bairros de Copacabana e Ipanema muitas construções – especialmente aquelas voltadas para o lazer – tomavam como molde a arquitetura da região onde os parisienses mais abastados passavam suas férias de verão, a Riviera Francesa. Apesar disso, a Avenida Beira Mar parece ter oferecido um desvio pelo qual o Rio se afastaria definitivamente do modelo parisiense que até então havia norteado as transformações da cidade. As praias, com o tipo de lazer que lhe era próprio e os esportes que com elas foram descobertos, passariam a compor a principal imagem com que o Rio seria identificado algumas décadas depois.

Este deslocamento de imagem se deu no mesmo ritmo pelo qual as práticas dos exercícios e dos banhos de mar deixaram a esfera médica para tornarem-se prazeres que a possibilidade de maior exposição do corpo permitia. Em 1928, a revista *O Cruzeiro* já propagava a idéia de que o novo hábito de freqüentar as praias começava a influir decisivamente sobre a personalidade dos habitantes da cidade:

A carioca tem no vestiário a sua roupa de banho. A carioca adestrou-se a caminhar na areia com a mesma airosa elegância com que caminha no asfalto. A vida da praia está exercendo sobre ela uma influência que se faz sentir nas suas idéias e nos seus sentimentos, na sua compleição física e até moral. A praia,

desviando para o convívio da natureza a população da cidade, a está poderosamente vitalizando e insuflando-lhe alegria.¹

A moda do século XX adotaria formas conseguidas não apenas por elementos exteriores ao corpo, mas principalmente através do trabalho efetuado sobre ele. Apesar de este também ter sido um processo iniciado no continente europeu, no Rio a preocupação em moldar o corpo de acordo com os ditames da moda acabou tomando dimensões muito peculiares. Ao mesmo tempo metrópole e balneário, a cidade acabaria por configurar um estilo de vida próprio que, mesmo sem abandonar de todo os padrões europeus, fundaria comportamentos e modas tipicamente cariocas.



Figura 34: capa da *Fon Fon* de 8 de março de 1913.

¹ Citado por Cláudia Braga Gaspar (2004, p. 50).